



XXI Congresso Nacional da ABEM

*Anais
Comunicações e Pôsteres*

ISBN: 978-85-237-0850-4



Os textos dos trabalhos publicados neste Anais são de inteira responsabilidade dos seus autores, não refletindo necessariamente a opinião da Associação Brasileira de Educação Musical, do Comitê Científico do XXI Congresso Nacional da ABEM ou da Coordenação do Evento.

Editoração digital:

- Cledinaldo Alves Pinheiro Júnior
- Luis Ricardo Silva Queiroz
- Rodolfo Rangel de Lima

*C749a Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical (21
:2013 : Pirenópolis-GO*

*Anais do 21º Congresso Nacional da Associação Brasileira de
Educação Musical [recurso eletrônico] / Associação Brasileira de
Educação Musical, organizadora.-- João Pessoa: Editora da UFPB,
2013.*

Arquivo Digital

ISBN 978-85-237-0850-4

*1. Educação musical. 2. Música - ensino e aprendizagem. 3.
Pesquisa em educação musical. I. ABEM.*

ISBN 978-85-237-0850-4



9 788523 708504 >

Realização



abem
Associação Brasileira
de Educação Musical



UnB | Departamento de Música

Patrocínio



CAPES

CAIXA

GOVERNO FEDERAL

BRASIL

PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Apoio



Ponto de Cultura



Comunidade Educacional de Pesnopolis



UnB | Decanato de Extensão



UnB | DEG | DEGD | Coordenação de Ensino de
Graduação a Distância

Apresentação

Esta publicação contém os textos das comunicações e pôsteres apresentados durante do XXI Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, realizado em Pirenópolis, no período de 04 a 08 de novembro de 2013. O Evento foi organizado pela Universidade de Brasília e contou com a participação de professores, pesquisadores, estudantes e profissionais diversos da educação musical de diferentes localidades do país.

Os textos publicados nestes anais retratam a diversidade de temas, de bases epistêmicas e de abordagens metodológicas que têm caracterizado a pesquisa em educação musical no Brasil. Além disso, este Documento congrega trabalhos que relatam e analisam experiências educativo-musicais consolidadas em múltiplos contextos e níveis de ensino, dando ênfase à riqueza de práticas de ensino de música realizados no país.

Esta publicação é, portanto, mais uma contribuição da ABEM para o estabelecimento do diálogo e a troca de experiências, tanto entre os educadores musicais quanto entre profissionais de outras áreas de conhecimento que estudam e trabalham temáticas e questões relacionadas ao ensino e à aprendizagem musical. Assim, a Associação publica uma importante fonte de registro e de estudo de concepções, metodologias, conteúdos e práticas que constituem pesquisas e ações na educação musical brasileira.

Desejamos a todos uma boa leitura deste retrato da educação musical do nosso país!

Luis Ricardo Silva Queiroz

Presidente do Comitê Científico do XXI Congresso Nacional da ABEM



Universidade de Brasília

Reitor - Ivan Marques de Toledo Camargo

Vice Reitora - Sônia Nair Bao

Decanato de Administração - Luiz Afonso Bermúdez

Decanato de Assuntos Comunitários (DAC) - Denise Bomtempo

Decano de Extensão - Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa

Decanato de Pesquisa e Pós-graduação - Jaime Martins de Santana

Decanato de Gestão de Pessoas - Gardenia Abbad

Decanato de Planejamento e Orçamento - Carlos Alberto Müller Lima Torres

Decanato de Ensino de graduação - Mauro Luiz Rabelo

Diretora Técnica de Graduação - Maria de Fátima Ramos Brandão

Coordenação de Integração das Licenciaturas (CIL) - Ricardo Gauche

Diretoria do Instituto de Artes-IdA - Izabela Costa Brochado

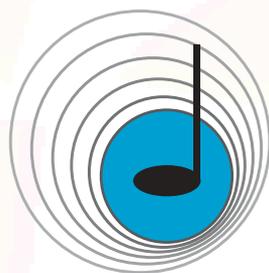
Chefe do Departamento de Música - Ricardo José Dourado Freire.

Coord. do Curso de Graduação (Diurno) - Vadim da Costa Arsky Filho

Coord. do Curso de Licenciatura em Música (Noturno) - Alessandro Cordeiro Borges

Coord. do Curso de Licenciatura em Música a Distância - Paulo Roberto Affonso Marins

Coord. do Curso de Pós-graduação Música em Contexto (PPGMUS) - Antenor Correa Ferreira



abem

Associação Brasileira
de Educação Musical

Diretoria Nacional

Presidencia

Presidente - Profa. Dra. Magali Oliveira Kleber – UEL, PR

Vice-Presidente - Profa. Dra. Jusamara Souza – UFRGS, RS

Tesoureira - Profa. Dra. Cristiane Almeida – UFPE, PE

Segunda Tesoureira - Profa. Ms. Vânia Malagutti Fialho – UEM, PR

Secretário - Prof. Dr. Luis Ricardo Silva Queiroz – UFPB, PB

Segunda Secretária - Profa. Ms. Flávia Narita – UNB, DF

Conselho Editorial

Presidente - Profa. Dra. Maria Cecília Torres – IPA, RS

Editora - Profa. Dra. Cássia Virginia Coelho de Souza – UEM, PR

Membros - Prof. Dr. Carlos Kater – UFSCar, SP

Profa. Dra. Lilia Neves – UFU, MG

Profa. Dra. Nílceia Protásio – UFG, GO

Diretoria Regional

Norte - Profa. Dra. Rosemara Staub de Barros – UFAM, AM

Nordeste - Prof. Ms. Vanildo Mousinho Marinho – UFPB, PB

Centro-oeste - Profa. Ms. Flavia Maria Cruvinel – UFG, GO

Sudeste - Prof. Dr. José Nunes Fernandez – UNIRIO, RJ

Sul - Profa. Dra. Cláudia Ribeiro Bellochio – UFSM, RS

Conselho Fiscal

Presidente - Profa. Dra. Luciana Del Ben – UFRGS, RS

Membros - Profa. Dra. Valéria Carvalho – UFRN, RN

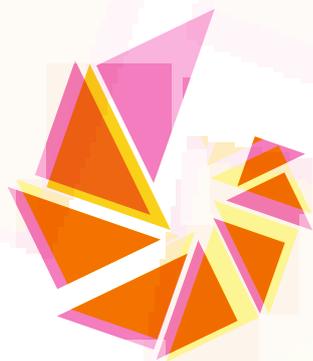
Profa. Dra. Ana Lúcia Louro – UFSM, RS

Profa. Dra. Inês Rocha – Colégio Pedro, RJ

Suplentes - Profa. Ms. Juciane Araldi – UEM, PR

Profa. Dra. Viviane Beineke – UDESC, SC

Prof. Ms. Darcy Alcantara – UFES, ES



XXI Congresso Nacional da ABEM

04 a 08 novembro 2013
Pousada dos Pireneus
Pirenópolis - GO

Comissão Organizadora

Presidência

Profa. Dra. Magali Oliveira Kleber

Coordenação Geral

Maria Isabel Montandon

Coordenação Adjunta

Maria Cristina de C. C. de Azevedo.

Coordenação Científica

Luis Ricardo Silva Queiroz

Coordenação de Comunicação e Pôster

Delmary Abreu

Coordenação de Logística

Cassiana Zamith Vilela

Roberta Assunção

Coordenação de Cursos

Jordana Pacheco Eid

Coordenação do Fórum das Licenciaturas em Música

Denise Cristina F. Scarambone

Maria Cristina de C. C. de Azevedo.

Marcus Medeiros (UFMS)

Vanildo Mousinho Marinho (UFPB)

Infra estrutura e Secretaria

Ricardo Freire

Adeane Desena Carvalho

Coordenação Artístico-Cultural

Uliana Dias Campos Ferlim

Hugo Leonardo Ribeiro

Coordenação de Monitores

Guilherme Farias de C. Montenegro

Manoel Rasslan (UFMS)

Coordenação de Tecnologia

Paulo Roberto Affonso Marins

Equipe Técnica EaD

Equipe de apoio

Alexei Alves de Queiroz

Simone Lacorte Recôva

Antenor Ferreira Corrêa

Monitores

Adonai de H. Padilha Andreolino	Elisama S. Gonçalves Santos	Marília Nóbrega de Araújo
Almir Cássio Arcanjo Silva	Gabrielle Borges	Mario André W.Oliveira
Alexandre Fortunato	Fernando Rosa de Almeida	Priscila Dublim Krentz
Ana Cristina Teixeira	Hermes Siqueira Costa	Rafael Andrino Bacellar
Anderson Brasil	Jaine Gonçalves Araujo	Raiden Coelho
Andréa Matias Queiroz	Jaqueline Marques	Sarah Thamires A. de Lima
Antônio Chagas Neto	Janilson Moreira de Azevedo	Simone Miranda
Augusto Charan B. Gonçalves	Josenilda Bonfim	Tayro Louzeiro Mesquita
Carlos Augusto de Sousa	Josilaine de Castro Gonçalves	Vanessa Weber
Carolina Carneiro C. Piedade	Juliana Maria da Cunha	Wanderson Ferreira Bomfim
Clarice Cabral	Larisse Teixeira	Thiago Ribeiro Santos
Cristina Porto Costa	Lisette Jung Loiola	Tiago Alves
Dielton Paulo M. Monteiro	Marcia Puerari	Wanderson Ferreira Bomfim
Elias Nascimento Melo Filho	Maria Débora Ortiz Rodriguez	

Comitê Científico

Presidente Luis Ricardo Queiroz (UFPB)

Dr. Carlos Kater – ATRAVEZ-OSCIP/SP	Dra. Luciana Del-Ben – UFRGS
Dra. Luciane Wilke Garbosa – UFSM	Dra. Margarete Arroyo – UNESP
Dra. Maria Cristina de C. C. de Azevedo. –UNB	Dra. Regina Teixeira Antunes – UFRGS
Dra. Teresa Mateiro – UDESC	Dra. Cláudia Bellochio – UFSM
Dra. Cristiane Almeida – UFPE	Dr. Jean Joubert Freitas Mendes – UFRN
Dr. José Nunes Fernandes – UNIRIO	Dra. Jusamara Souza – UFRGS

Pareceristas

Adriana Bozzetto – UNIPAMPA	Helena de Souza Nunes
Adriana do Nascimento Araújo Mendes	Helena Lopes da Silva
Ana Lúcia Louro – UFMS	Heloisa Feichas – UFMG
Ana Luísa Fridman	Hugo Ribeiro – UNB
Anete Susana Weichselbaum	Inês Rocha – Colégio Pedro II
Angela Luhnning – UFBA	Isamara Carvalho – UFSCar
Aruna Noal Correa	Iveta Maria Borges Ávila Fernandes – UNESP
Áurea Demaria Silva	José Ruy Henderson Filho – UEPA
Áureo Deo De Freitas – UFPA	José Soares – UFU
Betânia Parizzi Fonseca – UFMG	Katharina Döring – UNEB
Brasilena Trindade	Leda Maffioletti – UFRGS
Carla Santos	Leila Dias – UFBA
Cássia Virgínia Coelho de Souza -UEM	Lia Braga Vieira – UFPA
Celson Gomes – UFPA	Lilia do Amaral Manfrinato Justi
Cíntia Thais Morato - UFU	Lilia Neves Gonçalves – UFU

Cláudia Deltrégia – UFSM
Cristiane Maria Galdino de Almeida – UFPE
Cristina Cereser – UFRGS
Cristina Rolim Wolffenbüttel – Fundarte/UERGS
Cristina Tourinho – UFBA
Daniel Angelo Barbosa Vieira
Daniel Gohn - UFSCar
Daniela Tsi Gerber – EMBAP
Delmary Vasconcelos Abreu – UNB
Eduardo Guedes Pacheco – UERGS
Eduardo Luedy – UEFS
Elisa da Silva e Cunha – UFMS
Ernesto Hartman – UFES
Ezequias Lira - UFRN
Fátima Carneiro dos Santos – UEL
Fernanda de Assis Oliveira Torres - UFU
Gerardo Viana – UFC
Giann Mendes Ribeiro – IF Mossoró
Guilherme Ballande Romanelli – UFPR
Guilherme Sauerbronn – UDESC
Harue Tanaka Sorrentino – UFPB
Nilceia Protásio – UFG
Pablo da Silva Gusmão – UFSM
Patrícia Furst Santiago – UFMG
Patrícia Kebach
Patrícia Martins Lima Pederiva – UNB
Paulo Braga – UFPE
Pedro Rogério – UFC
Regiana Blank Wille – UFPel
Regina Finck - UDESC
Regina Márcia Santos - UNIRIO
Rejane Harder – UFSE
Ricardo Dourado Freire – UNB
Ricardo Goldemberg – UNICAMP
Rosane Cardoso de Araújo – UFPR
Rosane Cardoso de Araújo – UFPR
Rosângela Duarte - UFRR

Luceni Caetano - UFPB
Luciana Pires de Sa Requião - UFF
Luís Fernando Lazzarin – UFSM
Manoel Câmara Rasslan - UFMS
Mara Meneses Kroger – UFBA
Marcio Penna Corte Real – UFRGS
Marco Antônio Toledo – UFC
Marcos Câmara de Castro – USP
Marcus Vinícius Medeiros Pereira – UFMS
Maria Bernardete Castelan Póvoas – UDESC
Maria Cecília Cavalieri França
Maria Cecília Torres – UERGS
Maria Guiomar de Carvalho Ribas – UFPB
Maria José Subtil – UEPG
Marília Stein – UFRGS
Marisa Trench de Oliveira Fonterrada – UNESP
Maura Penna – UFPB
Maurílio Albino José Rafael – UNESP
Mônica Duarte – UniRio
Monique Andries Nogueira – UFRJ
Neide Esperidião - FITO
Rosemara Staub de Barros
Samuel Araújo – UFRJ
Sérgio Figueiredo – UDESC
Sérgio Luiz de Almeida Alvares – UFRJ
Sílvia Sobreira – UNIRIO
Sônia Albano – Faculdade Carlos Gomes
Sônia Ribeiro – UFU
Susana Kruger – Projeto Guri
Teca Alencar de Brito - USP
Thelma Alvares – UFRJ
Valéria Carvalho – UFRN
Vanda Freire – UFRJ
Vera Portinho Vianna – UFSM
Viviane Beineke – UDESC
Walênia Marília Silva – UFMG
Zuraida Abud - UFBA

Agradecimentos:

Antonio Carlos Bigonha
Nara Pimentel (EaD-UnB)
Rui Seimetz

Webmaster Solange Lorenzo
Projeto Gráfico Visualitá
Arte Final Rodrigo Alves



Comunicações

Educação: o campo maior de aplicação da pesquisa em música

Marcos Câmara de Castro
FFCLRP/USP
mcamara@usp.br

Resumo: usamos a palavra *música* para designar uma multiplicidade de atividades e experiências. A mesma diversidade está presente também na transdisciplinaridade que seu estudo sugere. Este ensaio visa discutir as contribuições da antropologia e do pensamento oriental antigo para a renovação das pesquisas em musicologia e suas aplicações em práticas pedagógicas, numa perspectiva de formação real e plural dos alunos de música, questionando criticamente certas *idéias reçues*.

Palavras chave: Educação musical. (Etno)Musicologia. Música e antropologia.

1 - Antropologia, filosofia ocidental, filosofia oriental: qual a abordagem mais adequada ao fenômeno musical contemporâneo?

para Ronaldo Novaes

A musicologia encontra-se atualmente diante da alternativa de: 1) acreditar no progresso da Civilização Ocidental ou 2) de aceitar que pelo mundo há (e continuará a haver) diferentes civilizações, cada uma com seu próprio sistema de valores (COOK, 2000, p.41). Ou, como diz Philippe Descola, acreditar na “ambição de reduzir a pluralidade do que existe a uma unidade de substância, de finalidade ou de verdade como os filósofos do século XIX tentaram fazer” – traduzida pelo “historicismo e sua fé *naïve* na explicação pelas causas antecedentes” –; ou a certeza de que “só o conhecimento da estrutura de um fenômeno permite interrogar de maneira pertinente sobre suas origens” (DESCOLA, 2005, pp.9-15).

A missão da antropologia seria, pois, de contribuir com as outras ciências [o que não descarta a filosofia!], e “a partir de seus próprios métodos, tornar inteligível a maneira pela qual [o homem] se insere no mundo, adquire uma representação dele e contribui para sua modificação, tecendo com ele e entre si laços constantes ou ocasionais” (...)” (DESCOLA, 2005, pp.9-15).

Tudo isso pode ser intuído de maneira mais poética, se lembrarmos do que Borges diz em *Otras Inquisiciones*:

El caracter del hombre y sus variaciones son el tema esencial de la novela de nuestro tiempo; la lírica es la complaciente magnificación de venturas o desventuras amorosas; las filosofías de Heidegger o Jaspers hacen de cada uno de nosotros el interesante interlocutor de un diálogo secreto y continuo con la divinidad; estas disciplinas, que formalmente pueden ser admirables, fomentan esa ilusión del yo que el Vedanta reprueba como error capital. Suelen jugar a la desesperación y la angustia, pero en el fondo halagan la vanidad; son, en tal sentido, inmorales (...)" (BORGES, 1985a, p.127).

Ainda que admirável como "forma superior de literatura de ficção", a filosofia ocidental fomenta a ilusão do "eu", a começar pela própria estrutura sujeito-objeto da linguagem na qual foi sedimentada. Aparentemente a filosofia ocidental aponta para a inevitabilidade da angústia da existência, mas segundo Borges, "incentiva a vaidade" e seria, por isso, imoral, do ponto de vista do pensamento oriental. No oriente pré-global, "a ênfase atribuída ao não-ser – evidenciada, aliás, pela própria ausência do verbo 'ser' no chinês clássico, por exemplo – leva à ideia de não-ação, na conduta pessoal, tanto quanto no governo, ao apreço pela quietude e pela meditação, à importância do emprego dos espaços vazios para contrabalançar os objetos numa pintura chinesa etc" (YU-KUANG CHU, in CAMPOS, 1986, p.247).

Uma leitura do budismo pode também levar à conclusão de que não há um sujeito, mas uma sucessão de estados mentais. "Eu penso" seria um erro porque pressupõe um sujeito constante como o conceito de "ego" em Freud – entidade autônoma e unitária (FREUD, 1997, p.11)¹. A impermanência do ser tem também representação no ocidente, como diz Borges: "Na filosofia moderna, temos o caso de Hume, para quem o indivíduo é um feixe de percepções que se sucedem com incrível rapidez, e o de Bertrand Russel, para quem só existem atos impessoais, sem sujeito nem objeto" (BORGES, 1985a, pp.51-52).

No oriente, "uma religião não é incompatível com outras" (...). "A mente chinesa é hospitaleira". A religião mais difundida do mundo, o budismo, permite que sejamos budistas sendo católicos, protestantes, islâmicos, xintoístas etc. Diferentemente do que inferiu Freud como "aniquilamento dos instintos", "felicidade da quietude" (FREUD, 1997, pp.27-28), ou

¹ O Lamaísmo fala do "eu" como um "parlamento". Cf. http://www.dailymotion.com/video/xvybo_alexandra-davidneel_dating (acesso em 22/03/2013), que lembra a bem-humorada *Variação sobre Descartes*, de Valéry: "Quelques fois je pense, quelques fois je suis" ("às vezes penso, às vezes existo") [In *Tel Quel. Oeuvres* vol. II, Paris, Gallimard- Bibliothèque de La Pléiade, 1960, p.500].

"serena melancolia", o budismo crê no ascetismo só depois de se terem provado os prazeres do "Samsara"²; sendo a renúncia o ápice e não um princípio (BORGES, 1985b, p.85).

Com a atenção voltada "não para o indivíduo, mas sim para a teia das relações humanas", o confucionismo desenvolveu o "pensamento relacional"³, onde "os antônimos não são tidos como opostos irreconciliáveis, mas suscetíveis de união para formar uma ideia completa" (YU-KUANG CHU, in CAMPOS, 1986, pp. 244-245). Sem o padrão sujeito-predicado na estrutura da sentença, o chinês não desenvolveu a noção de lei da identidade na Lógica, nem o conceito de substância em Filosofia. E sem esses conceitos, não poderia haver noção de causalidade, nem de Ciência. O chinês desenvolve, em lugar disso, uma Lógica correlacional, um pensamento analógico e um raciocínio relacional que, apesar de inadequados para a Ciência, são extremamente úteis em teoria sociopolítica" (ibidem, p.247).

A atual convergência que vem sendo discutida por autores como Cook (op. cit.), Nooshin (2012), Born (1995 e 2010) e outros, entre a musicologia e a etnomusicologia – que têm chegado aos mesmos resultados por diferentes caminhos – ilustra o rumo que pode ser traçado numa musicologia holística, “doravante apenas musicologia”, de tal maneira que, ainda que cada pesquisador se sinta atrelado à sua disciplina de origem, fica cada vez mais difícil categorizar os resultados dentro de fronteiras delimitadas. É a antropologia que ajuda a reunir, na transdisciplinaridade, os elementos que revelam a música como fato social total e não como mera produção de indivíduos isolados.

2 - Fronteira, caos e pensamento mestiço

Human kind cannot bear very much reality
(T.S. Eliot)⁴

A teoria do caos, diz Gleick, “suprime as fronteiras entre disciplinas científicas. Ciência da natureza global dos sistemas, ela reuniu pensadores de domínios outrora muito distantes” (GLEICK, 1989, p.18)⁵. Diretamente relacionado com a questão do caos está o

² “No budismo, série ininterrupta de mutações a que a vida é submetida, espécie de ronda infernal de que o indivíduo só se liberta quando alcança o nirvana”. Disponível em <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=samsara> (acesso: 13/10/2013).

³ Que vem de encontro ao conceito de “musicologia relacional (Born, 2010): uma interdisciplinariedade que não é redutível às disciplinas anteriores”(in Nooshin, 2011, p.288)

⁴ A espécie humana não pode suportar muita realidade (T.S. Eliot).

⁵ Como diz Funari, “A fundação do pioneiro Instituto de Estudos Avançados de Princeton, nos Estados Unidos, em 1930, marcou uma inflexão na ciência contemporânea. A Universidade moderna, derivada do Iluminismo do século XVIII, baseou-se na crescente especialização das disciplinas e no conhecimento voltado para a solução de

conceito de fronteira – presença obrigatória em qualquer estudo musical – e que é o instante da transformação da matéria cultural. O fenômeno *fronteira* como um “processo ininterrupto de construção da alteridade cultural”, em que “restam as realidades humanas e a força do sentimento de filiação”, donde a ideia de “narcisismo das pequenas diferenças” de Freud pode ser útil (FRANCFORT, 2010, pp.107-108).

Como diz Francfort, uma cultura nacional se constrói amplamente no exílio e, salvo em lógicas totalitárias, a homogeneidade não corresponde aos aspectos que constroem uma cultura. A construção de marcadores diferenciais culturais dizem respeito a toda forma de produção cultural, inclusive numa arte que tem a reputação de ser universal como a música. As culturas podem se misturar ilimitadamente e ainda assim Lévi-Strauss via sempre uma “lacuna diferencial” que nunca podia ser preenchida. É na metamorfose e na precariedade, diz Gruzinski, que se instala a verdadeira continuidade das coisas (GRUZINSKI, 2012, p.22).

Contra a tendência de esquecer a história de certas partes do mundo, ou de lhe atribuir uma parte negligenciável no nosso destino, atualmente o híbrido começa a destronar o exótico, mas não deixa de ser uma nova forma de distinção entre a cultura dominante e o resto das populações, mesmo sabendo que todas as culturas são híbridas e que as mestiçagens remontam às origens da história da humanidade. Seria, portanto, mais apropriado pensar numa lógica mestiça que passa pelo conceito de fronteira: “frequentemente porosa, permeável, flexível: que se desloca e pode ser deslocada”, mas que é difícil de ser pensada, por ser ao mesmo tempo “real e imaginária, intransponível e escamoteável” (GRUZINSKI, 2012, p.43).

Pensar o caos da fronteira e a lógica mestiça é desconfiar do conceito de cultura – aceito por filósofos e antropólogos, mas que não cabe ser discutido neste ensaio. Basta aqui lembrar da definição de Amselle, para quem a cultura é “uma solução instável cuja perpetuação é em essência aleatória” (apud GRUZINSKI, 2012, p.46). Pensar o caos da fronteira e a fragilidade do termo cultura leva-nos também a questionar o processo seletivo do

necessidades práticas, concretas e imediatas. A Medicina devia curar, assim como a Filologia devia decifrar um idioma e a História devia escrever um passado a serviço da nação. A tendência desde então foi saber cada vez mais sobre cada vez menos. Os limites dessa perspectiva já eram evidentes quando Princeton reuniu o físico Einstein e outros sábios que ali chegaram para explorar dois outros aspectos do conhecimento: a ausência de barreiras disciplinares e a busca desinteressada do saber, sem medo da demora e mesmo do eventual fracasso”. In *Valorizar estudos avançados é superar a tendência imediatista das universidades de saber cada vez mais sobre cada vez menos*. Disponível em <<http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/valorizar-estudos-avancados-e-superar-a-tendencia-imediatista-das-universidades-de-saber-cada-vez-mais-sobre-cada-vez-menos>> (acesso em 23/03/2013).

cânone, como “legitimação de exclusões” (GINZBURG, 2012, p.21). Se não há conhecimento desinteressado, a crítica do cânone aparece como central para entender a herança positivista do “progresso indiscutível da ciência” que descreve e classifica autores e obras e transforma uma atribuição em substância: o valor (ibidem, p.43).

O valor é, segundo Bourdieu, capital intelectual (BOURDIEU, 1999). Para Cook (op. cit., p.16), a música tornou-se algo que se estoca ou se acumula em forma de capital estético, que é, embora não se diga, o repertório ou, para Cook, o “museu imaginário de obras musicais⁶” (COOK, op. cit., p.30) que indica (voltando a Ginzburg) “relevância e prestígio de quem o reconhece” (GINZBURG, 2012, p.43). A eleição do cânone é resultado de uma “política da memória” cujas escolhas influem diretamente nas condições de circulação e recepção das obras, definindo sua permanência no mercado, nas bibliotecas e nos horizontes de expectativa do público (ibidem, p.48). São esses interesses hegemônicos que precisam ser contestados no espaço criador de legitimidades que é a sala de aula.

3 - Contribuições da antropologia à educação musical

Nessa convergência entre pensamento oriental e ciências sociais, e entre musicologia e etnomusicologia, tanto em Confúcio quanto em Habermas encontramos que “conhecimento e interesse estão essencialmente ligados (...) [e] a mediação entre sujeito e objeto (...) constitui-se inicialmente por ação e obra do interesse. (...). A força do interesse penetra no núcleo lógico da pesquisa” (HABERMAS apud GINZBURG, 2012, p.23). Sendo assim, diz Ginzburg, “a motivação subjetiva do conhecimento não seria um antípoda do esforço de objetividade, mas sua própria base”. Ou: “o interesse é constitutivo do conhecimento” (GINZBURG, 2012, p.35). A expressão social da pesquisa em música é o espaço privilegiado que a educação ocupa, e uma abordagem etnográfica mostra-se eficaz ao revelar os valores e as funções que a prática musical organizada proporciona, pondo em evidência, por exemplo, os supostos efeitos civilizatórios que a música clássica ocidental tem a oferecer.

Indo além da ideologia da obra desencarnada, da liturgia e dos rituais, da subjetividade burguesa, do dogma da autenticidade, do culto a Beethoven – “pilar central na cultura da música clássica” segundo Cook (op. cit., p.24) –, da autoridade e do autoritarismo, da ideia de música como capital estético – “que pode ser armazenada, como um bom vinho,

⁶ “the imaginary museum of musical works” (COOK, 2000: p.30)

para futura degustação” (COOK, op. cit., p.29) –, seja qual for o nome que se dê à disciplina, as etnografias das tradições urbanas contemporâneas fornecem “uma rica oportunidade de aumentar a compreensão da vida musical, tradicionalmente vista somente pela lente das fontes históricas escritas, e também trazer à luz processos de transmissão e significados musicais entre gente real em tempo real” (NOOSHIN, 2012, p.296).

Seria então papel do professor educar o aluno de música para o mercado reputacional e prepará-lo para integrar a pirâmide de notoriedade? É para os concursos periódicos – que lembram as competições esportivas – que renovam essa pirâmide e mantêm a incerteza da loteria do trabalho artístico que devemos formar o aluno? Devemos acreditar nos grandes talentos criados pela propaganda através das revistas “especializadas”, num momento em que tocar muito bem virou a rotina do *showbis* musical? (MENGER, 2002, passim).

As reputações duráveis são raras se comparadas à quantidade de sucessos efêmeros. Fala-se muito dos grandes cachês do alto clero artístico fabricado, mas há poucos estudos sobre os ganhos da massa de profissionais – destino certo da maioria dos alunos. Paradoxalmente, essas desigualdades não são apenas aceitas e toleradas, mas amplamente admiradas e desejadas (MENGER, 2002, p.45 e ss). Como diz Borges, “a pior tentação no mundo das artes é a vontade de ser gênio” – tradição criada pela ideologia romântico-modernista e que continua sendo a principal referência e motivação para os que se dirigem para o trabalho musical.

Será que devemos perpetuar o mito de uma linguagem evolutiva das artes? Como diz Weber, “ocorre frequentemente que o progresso técnico se manifeste a princípio em obras que, do ponto de vista do valor estético, sejam claramente imperfeitas (...). A utilização de uma técnica determinada (...) não traz a menor indicação de valor estético de uma obra” (WEBER, 1965, p.451).

Com uma produção bibliográfica em música ainda insuficiente no Brasil para o desenvolvimento de uma consciência crítica, – além de uma escassa publicação de resenhas ou traduções de livros estrangeiros –, a educação musical pode ser considerada sem dúvida o maior campo de aplicação de toda e qualquer pesquisa em música. A diferença com relação à pesquisa científica é que esta não organiza seu desenvolvimento sobre o sucesso de suas invenções junto a não-especialistas. A descoberta científica é um bem intermediário e a pesquisa artística se quer muitas vezes como um bem final. Como realizar a transposição didática (expressão social) dos conteúdos da pesquisa em música? Uma ciência sem

perspectiva de aplicação é uma ciência morta e uma concepção aristocrática, fruto do ócio (LEROY e TERRIEN, 2011, pp.15-26). A educação musical deve criar um pensamento que preserve o capital simbólico das comunidades e das sociedades, que pagam impostos para sustentar suas pesquisas, e diminuir a distância entre as abordagens técnicas, históricas e humanas da música, inclusive aproximando-as das ciências biológicas, na perspectiva de uma biomusicologia – que é outra tendência atual para um paradigma de pesquisas em educação musical com base na psicologia, na neurociência e na etologia⁷.

A educação musical deve também operar a crítica da ideologia da obra como um objeto desencarnado e sujeito ao imperativo do progresso, e trabalhar o pensamento racional junto com o pensamento mitológico – que pode não ser demonstrável, mas que, segundo Lévi-Strauss, é capaz de produzir a sensação reconfortante de domínio sobre questões muitas vezes inexplicáveis (LÉVI-STRAUSS, 1987, p.23). A lógica fornece provas, mas não descobre nada e a análise técnica é tão importante quanto conhecer os mecanismos e o universo sócio-cultural. Russell lembra que “para conseguirmos compreender a linguagem, é necessário desprovê-la de seus atributos místicos e terroristas” (RUSSELL, 1969, p.33).

4 – “Se puxarmos o fio da tomada, não restarão traços sonoros da globalização”⁸

A paisagem da globalização tem dois planos: um horizontal que diz respeito aos diferentes gêneros e estilos no espaço geográfico; e outro vertical, das fronteiras sociais e da distinção. A cultura não é um objeto nem um produto como qualquer outro, mas uma visão compartilhada socialmente e sua sobrevivência depende da transmissão entre gerações; sem o quê há suicídio cultural (MÂCHE in BOUËT e SOLOMOS, 2011, pp.13-24).

Devemos também promover a crítica do temperamento igual, que elimina as riquezas melódicas de culturas não ocidentais. É preciso que se questione a escrita como meio de controle e desfazer o divórcio romântico-modernista entre o escrito e o oral em música. Uma música de tradição oral pode se transformar através da escrita e conhecer uma segunda vida dentro de um outro contexto cultural. A fusão entre objeto "bruto" (natural) e objeto cultural tem a função de abolir a fronteira entre natureza e cultura, que é o objeto da antropologia da

⁷ 1. Biol. Estudo do comportamento dos animais. 2. P.ext. Antr. Estudo dos costumes humanos como fatos sociais. 3. P.ext. Psi. Parte da pesquisa do comportamento humano que estuda a base comportamental inata (como a atávica, as instintiva etc.) [F.: Do gr. *ethología*, pelo lat. *ethologia*.] Disponível em <http://aulete.uol.com.br/etologia#ixzz2UVqScV5g> (acesso em 27/05/2013).

⁸ Jean During, in BOUËT e SOLOMOS, 2011, p.40.

natureza de Philippe Descola. Da mesma forma, só a crítica da uniformização das músicas pela torneira dos meios de comunicação é que vai permitir a compreensão de que só o isolamento permite o amadurecimento de uma cultura.

Existe certamente uma música dos animais, por exemplo, os cantos de pássaros de uma mesma espécie que habitam lugares diferentes, ao contrário do que diz Maura Penna (2010, pp.30-35)⁹. Crítica do produto *omnibus* que tende a difundir, “frequentemente à mesma hora, o mesmo tipo de produtos que possibilitem lucro máximo e custo mínimo” (BOURDIEU, 2001), a difusão comandando a produção. Transformar o totalitarismo industrial em fonte de inspiração para a pluralidade, não um pluralismo de superfície – que é um curto-circuito da diversidade. Na produção cultural, o artesanal e o industrial podem coexistir.

5 – A circulação internacional das ideias

Last but not least, superar uma certa leitura da filosofia da música que tem como base as ideias de Adorno, que introduz um juízo de valor estético e desenvolve um conjunto de explicações causais, repousando seu método inteiramente sobre a identificação de homologias que querem fazer crer que as “soluções estéticas tradicionais (...) mascaram as contradições sociais sob a aparente harmonia da obra” –, numa visão expressionista da sociedade e uma leitura patética e pessimista da história, desqualificando sem apelação toda e qualquer enquete sociológica sobre a origem social dos compositores “ávidos de eternidade” – uma cilada que acaba jogando a obra musical numa paixão, no sentido sacrificial do termo, desde que, nessa leitura adorniana, a essência social da obra reside na autonomia como protesto contra o utilitarismo do mercado (MENGER, 2001 e 2002, passim).

Essa leitura particular de Adorno pode levar àquilo que Bourdieu chamou de “reinterpretação em função da estrutura do campo de recepção”, geradora de “formidáveis malentendidos” (BOURDIEU, 2002), já que uma leitura estrangeira pode às vezes ter uma liberdade que não tem uma leitura nacional e os autores estrangeiros são frequentemente objeto de instrumentalizações e manipulações que favoreçam oposições fictícias entre coisas parecidas e semelhanças entre coisas diferentes. Dessa defasagem estrutural entre os

⁹ A esse respeito, remeto à leitura de MÂCHE, François-Bernard. “La forme en musique”, in *La vie des formes et les formes de La vie*. Paris, Ed. Odile Jacob, 2012, pp.265-281, e MÂCHE, François-Bernard. “Musique au singulier”, in BOUËT ET SOLOMOS, 2011, pp.13-24.

contextos resulta uma alodoxia¹⁰ que é fonte inesgotável de “polêmicas de má fé e condenações mútuas de farisaísmo”, e essas deformações dos textos originais são diretamente proporcionais à ignorância do contexto de origem. O sociólogo lembra também que:

A vida intelectual é o lugar, como todos os outros espaços sociais, de nacionalismos e imperialismos, e os intelectuais veiculam, quase tanto quanto os outros, preconceitos, estereótipos, verdades prontas, representações muito básicas, muito elementares, que se alimentam dos acidentes da vida cotidiana, das incompreensões, dos malentendidos, das feridas (...) [BOURDIEU, 2002].

O sistema educacional, como produtor e reproduzidor de sistemas de pensamento pode assim favorecer ou dificultar um “verdadeiro universalismo intelectual”.

¹⁰ *Alodoxia*: “Platão e Bourdieu usam o termo "alodoxia" para descrever a falsa crença decorrente do desconhecimento. Bourdieu, em seus escritos mais tarde, usa o termo para se referir especificamente à inclinação dos consumidores para acompanhar 'jornalistas-intelectuais' que, ao se submeterem às pressões do mercado, contribuem para o surgimento de uma produção cultural comprometida”. *Plato and Bourdieu use the term 'alodoxia' to describe false belief arising from misrecognition. Bourdieu, in his later writing, uses the term specifically to refer to the inclination of consumers to follow 'journalist-intellectuals' who have themselves embraced market pressures and are thereby contributing to the emergence of impure and compromised cultural production.* In *Virtuous alodoxia*. Jenny Brown. PhD Candidate, Sydney College of the Arts, University of Sydney. Disponível em <http://sydney.edu.au/sca/pdfs/GS_conference_papers/Jenny%20Brown.pdf> (acesso em 25/05/2013)

Referências

- BORGES, Jorge Luís, JURADO. Alícia. *Buda*. São Paulo: Difel, 1985b.
- BORGES, Jorge Luís. *Prosa completa, vols. 1,2,3 e 4*. Madri: Bruguera, 1985^a
- BORN, Georgina e HESMONDALGH, David. *Western music and its others*. Los Angeles: University of California Press, 2000
- BORN, Georgina. *Rationaling culture : IRCAM, Boulez, and the institutionalization of the musical avant-garde*. Berkeley and Los Angeles: 1995
- BOUËT, Jacques e SOLOMOS, Makis. *Musique et globalisation: musicologie-ethnomusicologie*. Paris: L'Harmattan, 2011
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. MICELI, Sérgio (org.). São Paulo: Perspectiva, 1999
- BOURDIEU, Pierre. *Contre-feux 2*. Paris: Éditions Raisons d'agir, 2001
- Bourdieu Pierre. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 145, décembre 2002. La circulation internationale des idées. pp. 3-8. doi : 10.3406/arss.2002.2793 Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_2002_num_145_1_2793 (acesso em 25/05/2013)
- COOK, Nicholas. *Music: A Very Short Introduction*. Oxford University Press, 2000. Disponível em <http://www.fileden.com/files/2009/6/22/2485348/Music%20-%20A%20Very%20Short%20Introduction.pdf> (acesso em 24/03/2013)
- DESCOLA, Philippe. *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard, 2005
- FRANCFORT, Didier. *De l'histoire des frontières cultures à l'histoire culturelle des frontières et à l'histoire des cultures frontalières. Pour une rupture de perspective et de nouvelles approches*. In Eurolimes Journal of the Institute for Euroregional Studies “Jean Monnet” European Centre of Excellence. University of Oradea, vol.9, 2010: pp.107-126. Disponível em http://iser.rdsor.ro/main_page/Documents/Eurolimes/pdf/9_eurolimes.pdf (acesso em 24/03/2013)
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1977
- GINZBURG, Jaime. *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: EDUSP/ FAPESP, 2012
- GLEICK, James. *La théorie du chaos: vers une nouvelle science*. Traduit de l'anglais par Christian Jeanmougin. Paris: Éditions Albil Michel, 1989

GRUZINSKI, Serge. *La pensée métisse*. Paris: Librairie Arthème Fayard/ Pluriel, 2012

LEROY, Jean-Luc e TERRIEN, Pascal. *Perspectives actuelles de la recherche en éducation musicale*. Paris: L'Harmattan, 2011

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. Lisboa: Edições 70, Lda., 1987

MENGER, Pierre-Michel. *Le paradoxe du musicien: le compositeur, le mélomane et l'État dans la société contemporaine*. Paris: L'Harmattan, 2001

MENGER, Pierre-Michel. *Portrait de l'artiste en travailleur*. Paris: Seuil, 2002

NOOSHIN, Laudan. *Introduction to the Special Issue: The Ethnomusicology of Western Art Music, Ethnomusicology Forum*, 2011 20:3, 285-300. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/17411912.2011.659439> (acesso em 24/03/2013)

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2010, pp.30-35

RUSSELL, Bertrand. *Signification et vérité*. Traduit de l'anglais par Philippe Devaux. Paris : Flammarion, 1969

WEBER Max, *Essais sur la théorie de la science*, (trad. Julien Freund), Paris: Plon, 1965

YU-KUANG CHU. *Interação entre linguagem e pensamento em chinês*. In CAMPOS, Haroldo de (org.). *Ideograma, lógica, poesia e linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1986, pp: 222-261